

UMA ETNOGRAFIA NÔMADE: Caminhando com as Medicinas da Floresta e Ervas Sagradas em Marabá-PA

Roberta Cruz Correia¹

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma etnografia multi-situada, onde realizei pesquisas em três contextos, sendo eles o Santo Daime, o Sagrado Feminino e um terreiro da Umbanda, na cidade de Marabá, situada no Sudeste do Estado do Pará. Cujo objetivo é evidenciar a agência das plantas, a importância da vida vegetal e as relações delas com os humanos. Desta forma, foram realizados registros fotográficos, entrevistas semiestruturadas e pesquisa bibliográfica. A partir desta pesquisa pôde-se identificar poucas produções sobre as determinadas religiões na região. Por fim, com as entrevistas e as idas ao campo, fica evidenciado a importância das medicinas da floresta e ervas em relação aos grupos estudados.

Palavras-chave: etnografia; antropologia das religiões; antropologia visual;

ABSTRACT

This work is part of a multi-situated ethnography, where I carried out research in three contexts, namely the Santo Daime, the Sacred Feminino and an Umbanda terreiro, in the city of Marabá, located in the Southeast of the State of Pará. The purpose of which is to highlight the agency of plants, the importance of plant life and their relationships with humans. In this way, photographic records, semi-structured interviews and bibliographical research were carried out. From this research it was possible to identify few productions about certain religions in the region. Finally, with the interviews and trips to the field, the importance of forest medicines and herbs in relation to the studied groups is evidenced.

Keywords: ethnography; anthropology of religions; visual anthropology;

¹ Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: robertacorreia112009@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a forma que realizei trabalho de campo e a própria construção etnográfica, faço uma analogia à palavra nômade com a etnografia multi local ou multi situada.

O estudo geral da etnografia multi local está localizado dentro de estudos de esfera de trabalho interdisciplinar, incluindo mídia, ciência e tecnologia e estudos culturais, são consideradas várias as estratégias de “rastreamento” que moldam a pesquisa multi local (Marcus, 1995).

Para Magnani (2002), quando trata da etnografia, afirma que ela não se reduz a uma técnica ou conjunto de procedimentos:

Não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento ((Magnani, 2002)).

Levando em consideração o uso da etnografia em vários contextos e localidades, entro no campo das medicinas da floresta e ervas medicinais na cidade de Marabá, no Sudeste do Pará.

O termo medicinas da floresta, no caso dos Huni Kuĩ, engloba o nixi pae (ayahuasca) e outras substâncias usadas em seus rituais contemporâneos: o rapé², o kampf³ e a sananga⁴ (Meneses 2018).

As medicinas da floresta, passaram a ser utilizadas em variados grupos, entre eles o Santo Daime (algumas igrejas não aceitam a utilização do rapé e a sananga, somente o Daime), em alguns rituais do Sagrado Feminino.

Nesse território de experiências performáticas e (re)invenção de tradições e rituais, sobressaem-se o consumo ritual de substâncias psicoativas e/ou terapêuticas, denominados pelos adeptos indígenas e não indígenas de medicinas da floresta, que do complexo cultural pano passou a ser utilizada nos contextos urbanos do neoxamanismo e do Santo Daime (Fernandes, 2018).

Para o contexto umbandista, as ervas têm presença obrigatória, pois sem folha não tem orixá e não tem rituais de cura. Utilizadas em defumações⁵, banhos atrativos⁶ e de descarrego⁷, fumo, bebidas ritualísticas e preparações específicas.

A medicina tradicional e mágica está vinculada aos ritos afro-brasileiros e indígenas, especialmente, aos de Candomblé e de Umbanda, procurando formas de cura que

² Rapé - Pó resultante de folhas de tabaco torradas e moídas, misturada com outras ervas, utilizado para inalação.

³ Kambô - vacina do kambô é o nome popular para a aplicação das secreções produzidas pela perereca *Phyllomedusa bicolor*.

⁴ Sananga - Colírio medicinal utilizado por povos indígenas da Amazônia, para limpeza ocular e melhorar a visão antes da caça. Feita do extrato da raiz de uma planta chamada *Tabernaemontana sananho*, provoca ardor nos olhos e lágrimas.

⁵ Defumação - A defumação, por se tratar de um ritual de alta magia, tem como principal fundamento afastar os maus espíritos que, segundo todas as crenças, são representados por uma tênue fumaça. A queima de ervas é concebida como operação mágica que possui um poder natural superior às forças ordinárias da natureza.

⁶ Banho de Atração - Capacidade de puxar para si, atrair.

⁷ Descarrego - Trabalho que tem por finalidade a retirada do corpo de uma pessoa de um lugar onde haja fluidos maléficos utilizando-se, para isso, de passes, banhos de descarga, queima de pólvora etc.

consideram também aspectos espirituais, sobrenaturais, no adoecimento, buscando solucionar os males que se abatem sobre aquelas pessoas a partir de rituais particulares [...] A presença do vegetal está ligada à manutenção do axé-força que move este povo e que tem sua religiosidade calcada nas substâncias extraídas das folhas (Meira, 2013)

Durante esta pesquisa percebi minha interação com o campo e a teoria do trabalho da antropóloga de (Siqueira & Favret-Saada, 2005) sobre a feitiçaria no Bocage francês, na qual escreve sobre “ser afetado”, retratando a afetividade (afeto) dentro da pesquisa, onde “deixar ser afetado” remota a uma sensibilidade do pesquisador no decorrer do campo e faz uma crítica ao modo de fazer etnografia baseado na racionalidade.

É urgente reabilitar a velha “sensibilidade”, visto que estamos mais bem equipados para abordá-la do que os filósofos do século XVII. Inicialmente, valem algumas reflexões sobre o modo como obtive minhas informações de campo: não pude fazer outra coisa a não ser aceitar deixar-me afetar pela feitiçaria, e adotei um dispositivo metodológico tal que me permitisse elaborar um certo saber posteriormente [...] Nos encontros com os enfeitados e desenfeitadores, deixei-me afetar, sem procurar pesquisar, nem mesmo compreender e reter” (Siqueira & Favret-Saada, 2005).

Esse trabalho teve o objetivo de evidenciar a agência, a importância da vida vegetal e relações dos seres humanos com o ambiente. Identificando as plantas utilizadas em rituais, do Santo Daime, Sagrado Feminino, Terreiro de Umbanda e a relação delas com as pessoas. Como metodologia, foi utilizado diário de campo, fotografias, audiovisuais e entrevistas semiestruturadas em todos os terreiros, centros e espaços que acompanhei. Seguindo os protocolos do Ministério da Saúde e do comitê de ética na pesquisa em contexto de pandemia com Covid-19, foi utilizado máscara, distanciamento e álcool em gel, nas entrevistas do Centro de Iluminação Cristã São Pedro e no Terreiro de Umbanda Templo São Miguel.

De acordo com a resolução nº 510, de 07/04/2016, contendo o Registro do Consentimento e do Assentimento, fica explicitada a importância de preservar a identidade das pessoas aqui citadas, todos os nomes deste trabalho são fictícios. Quanto às fotografias tiradas por outras pessoas ou mostrando o rosto, foi pedido autorização para a publicação, por meio de mensagem escrita e via oral.

2. CENTRO DE ILUMINAÇÃO CRISTÃ LUZ UNIVERSAL SÃO PEDRO

Foi realizada uma entrevista com o Sr. Nelson Lima, dirigente do *Centro de Iluminação Cristã Luz Universal São Pedro*, em 01/03/2021, para conhecer as ervas e plantas utilizadas dentro do ritual do Santo Daime. Perguntei-lhe sobre qual seria as plantas utilizadas na defumação e a importância para o trabalho⁸ do Santo Daime, e ele me respondeu:

⁸ Trabalho no Santo Daime - nome referido ao ritual, se tratando de um trabalho espiritual que tem como objetivo alcançar o autoconhecimento, aprendizado e cura.

A nossa defumação é o alecrim e a almesca, nós usamos o alecrim que é uma defumação para limpeza do ambiente, das energias, das energias mais pesadas. E a almesca é uma conexão com o astral, com os seres extraterrestres, com os seres mais evoluídos que nós. As pessoas que frequentam um centro espírita, elas trazem energias junto delas, pregado mesmo na aura. Então a defumação ela serve para fazer a limpeza dessas energias, é como se fosse um bloqueador desse tipo de energia (Lima 2021).

Continuando com a entrevista e em diálogo com as pesquisas sobre processo de cura e tratamentos com o Santo Daime, Nelson Lima expõe sobre a importância do santo daime.

O daime ele serve para isso também, equilibrar o organismo e jogar aquela energia ruim que nós temos, que futuramente vai virar uma doença [...] O nosso ser, ele é formado de matéria e espírito, a matéria é as células e o espírito é a energia. O daime serve pra isso também, afastar as doenças físicas e espirituais do nosso organismo, eu vejo essa doutrina, como a ferramenta mais importante que nós podemos usar para viver nesse mundo (Lima, 2021).

De acordo com essa percepção sagrada do ambiente, (Chiesa 2017), em diálogo com os pensamentos de Tim Ingold e Gregory Bateson, expõe que para termos uma percepção sagrada do universo, de tudo ao nosso redor e até de nós mesmos, devemos estar atentos ao momento presente:

Temos que estar ligados aos movimentos de “continuidades, as conexões, aos fluxos que percorrem, unificam e atravessam todo o ambiente”, ou seja, “estabelecer conexões ou (re)ligações entre diferentes planos ou dimensões, entre os próprios seres humanos (e não-humanos)”. Desse modo, perceber o ambiente/mundo de maneira sagrada, significa dizer que devemos ter um olhar mais aguçado e atento a vida e as suas continuidades, exercitando o afetar e ser afetado, por esse universo de infinitas possibilidades, “ver para além daquilo que se vê” (Chiesa, 2017).

Percebe-se que a relação das ervas durante a defumação, estabelece uma conexão espiritual com outros seres do astral e promove uma limpeza energética do ambiente. Através dessa experiência com o sagrado, fica estabelecido um movimento de ambiente-mundo, onde através das plantas, se alcança um determinado processo de cura.

A experiência do sagrado corporificado na natureza, que evoca energias e forças que remetem para uma ‘outridade’ que não se esgota nas representações culturais e linguísticas, encontra no habitus ecológico contemporâneo um importante ponto de ancoragem e de plausibilidade (Carvalho & Steil ,2008).

Sobre a percepção sagrada do ambiente, sua relação com saúde e doença:

Essa percepção “sagrada” do ambiente, que se relaciona a uma determinada forma de compreender e vivenciar a saúde e a doença. A consciência de que produzimos, afetamos e somos afetados por essas “forças” que circulam pelo ambiente exige de nós um redobrado cuidado ou estado de atenção que vai além dos cinco sentidos físicos. Exige de nós um saber ser afetado, de uma maneira saudável, por tudo aquilo que nos envolve e afeta. A restauração da saúde implica, portanto, num processo de aprendizado e transformação da percepção do ambiente e, de maneira indissociável, do próprio ser (Chiesa, 2017).

As folhas, por sua vez, estão vivas, estão completamente imersas no ambiente-mundo. Segundo o livro *A vida das Plantas* (Coccia, 2018), a vida vegetal é a vida enquanto exposição integral, em continuidade absoluta e em comunhão global com o ambiente. Ela complementa dizendo:

“Sua ausência de movimento é apenas o reverso de sua adesão integral ao que lhes acontece e a seu ambiente. Não se pode separar a planta do mundo que a acolhe. Ela é a forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo. A planta encarna o laço mais íntimo e mais elementar que a vida pode estabelecer com o mundo” (Coccia, 2018).

Figura 1. Almesca próximo ao Cruzeiro⁹.



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

3. CAMINHANDO: ERVAS E MEDICINAS DA FLORESTA EM RITUAIS DO SAGRADO FEMININO

A partir de 2017, conheci os círculos de sagrado feminino, organizado por mulheres que participavam da Doutrina do Santo Daime em Marabá, no começo não fui como pesquisadora, porém no ano seguinte percebi que já estava imersa e sentia facilidade em continuar naquele campo,

⁹ Cruzeiro - símbolo religioso do Santo Daime, também conhecido como Cruz de Caravaca.

realizando uma etnografia participante. Ajudava no que era preciso e observava as características dos rituais. Assim, realizei uma etnografia em 2018, onde participei de um dos rituais do Sagrado Feminino, grupo intitulado "*Beija Flor Dourado*".

Os encontros aconteciam uma vez ao mês, sendo cada encontro um tema diferente. Foram-se criando com o tempo outros círculos em outros centros, sempre com o mesmo viés.

O Sagrado Feminino, dentro do contexto ritualístico com o uso da ayahuasca, introduz com muito mais aprofundamento as informações e conhecimentos apresentados em cada ritual, ajudando a melhorar o estilo de vida e a reviver as práticas culturais dos círculos de mulheres. Segundo pesquisas de (Assis et al. 2014):

O uso da ayahuasca melhora a subjetividade do indivíduo e a qualidade de vida, melhora a relação de autoconhecimento, ajuda no tratamento de dependência, ajuda a melhorar o domínio de si e do ambiente, ou seja, por meio das mirações, a ayahuasca mostra aprendizados que permite a pessoa adquirir hábitos como práticas de exercícios físicos, de bem-estar, cuidados com o corpo (dietas e abstinências) e desenvolvimento de autocontrole. Ajuda também com relações sociais, que induzido pelas mirações e principalmente pela comunicação, permite à pessoa melhorar comportamentos com familiares e amigos (Assis et al. 2014).

Os sagrados foram ministrados junto com yoga, banho de ervas, músicas e artes, em todos são realizados rituais com ayahuasca. Realizei uma entrevista semiestruturada com a Madrinha Kátia Silva da "*Irmandade Madre Ayahuasca*", em Marabá, por meio de mensagens no *WhatsApp* em 12/02/2022. Perguntei a respeito do que seria a "cura" para ela e a respeito da relação das plantas com o ritual do sagrado feminino.

Na etimologia da palavra cura quer dizer restabelecimento da saúde (mental, físico e espiritual) e que a cura pode realizar-se na psique (traumas e sentimentos), no biológico (doenças em geral) e no espiritual (se realizando o ser por inteiro), o que atinge sua alma pode afetar em todos os campos [...]. As plantas são para os efeitos curativos do corpo e da alma. As ervas fazem parte do simbolismo espiritual onde lavamos e curamos. As ervas são doadas pela nossa mãe Terra Gaia, fazendo parte do nosso ritual lavando, curando e perfumando nossa alma, e reverenciando a deusa interior de cada uma. Uma reverência ao Sagrado Feminino (Silva, 2022).

Perguntei também a respeito das medicinas da floresta, em relação ao chá do daime, sananga e rapé, qual seria a relação do sagrado feminino com essas práticas. Ela me informou que as medicinas não fazem parte do sagrado e foram introduzidas aqui no Brasil. O rapé e a sananga não fazem parte dos rituais do sagrado feminino, apenas a "*Madre Ayahuasca*". Ela informou também que se estas medicinas podem estar sendo introduzidas, mas não tem conhecimento disso.

Atualmente, existem três grupos de círculos de mulheres, sendo dois vinculados à igreja do Santo Daime (na qual é proibido o uso de medicinas da floresta além da ayahuasca), e um grupo "*neoayahuasqueiro*" de mulheres na qual é utilizado o rapé e a cannabis sativa, após o ritual, esse

último realizou somente um encontro. Atualmente, a cannabis é utilizada dentro do contexto daimista somente na religião ICEFLU / CEFLURIS, fundada por Sebastião Mota de Melo.

A Cannabis, chamada de pito ou Santa Maria, tão substancial na cosmologia daimista no CEFLURIS, passou a ser consumida também por indígenas e xamanistas. Podemos afirmar que a Cannabis é uma das substâncias bastante presentes nos circuitos xamânicos contemporâneos, e há aqueles (mesmo que muito poucos) que a consideram também como uma medicina da floresta (Fernandes, 2018).

Em relação a padronização de encontros, (Fernandes, 2018) afirma:

A notável plasticidade do neoxamanismo impede qualquer tipo de padronização, e os ritos e aspectos cosmológicos acabam por obedecer à idiosincrasia de cada dirigente ou grupo. Todavia, é possível observar tendências. No circuito urbano da ayahuasca, tornou-se comum um modelo de ritual em que as medicações da floresta (ayahuasca e rapé, entre outras) são consumidas, são entoados cânticos de inspiração indígena, do complexo Nova Era, ou mesmo hinos do Santo Daimé, são tocados instrumentos orgânicos, como tambores e maracás, são escutados cânticos e mantras em som sintético, geralmente com o grupo em volta de uma fogueira, cada qual sentado ou deitado em seu colchonete (Fernandes, 2018).

Figura 2. Encontro do Sagrado Feminino “Beija Flor Dourado”, com fogueira e panos estendidos no chão.



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

4. MAIS UM PERCURSO: ERVAS SAGRADAS NO TEMPLO SÃO MIGUEL

De acordo com o livro *Tudo o que você precisa saber sobre a Umbanda* (Azevedo, 2008) sobre o significado do termo Umbanda:

Quando Zélio Fernandinho, incorporado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, denominou a religião que ali nascia, esse nome foi anotado por um dos presentes como *Allabanda*, substituído por *Aumbanda*. Em sânscrito, língua sagrada das longínquas terras do Oriente, essa palavra pode ser interpretada como “Deus ao nosso lado” ou “o lado de Deus”. Sabe-se também que a África, existia o culto aos ancestrais (chamados no Brasil de ‘guia’). Também era conhecida a palavra ‘mbanda (umbanda) significado “a arte de curar” ou “o culto pelo qual o sacerdote curava” ((Azevedo, 2008)).

No contexto das folhas e ervas utilizadas, dentro da Umbanda e do Candomblé, a sabedoria sobre o manuseio das folhas é dada pelo Orixá¹⁰. Ossain

A oralidade em religiões afro-brasileiras é muito importante, tanto na preparação de um banho com as palavras de axé¹¹ ou na reprodução do conhecimento para os mais novos.

Durante a preparação de alguma fórmula o Babalaô estabelece uma ligação mágica entre o remédio e o signo de Ifá. A ligação é feita através de elos verbais entre o nome da planta, o nome da ação medicinal ou mágica dela esperada e o odu, signo de Ifá no qual é classificada. (...) A transmissão oral do conhecimento é considerada na tradição Iorubá, como o veículo do axé. O poder, a força das palavras que permanece sem efeito em um texto escrito. As palavras para que possam agir, precisam ser pronunciadas (Verger, 1995).

No Artigo “*Da transmissão de representações à educação da atenção*” (Ingold 2010), escreve que o nosso conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades, e que todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática. Ou seja, o crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção.

Se grande parte do conhecimento em culturas não-literárias toma a forma de mitos e histórias, é porque essas formas são prontamente memoráveis. Aquilo que não puder ser facilmente lembrado sairá naturalmente de circulação e, portanto, não ficará retido na cultura. Enquanto determinam o que é e o que não é memorável, os mecanismos de cognição têm um impacto bastante imediato sobre a organização do conhecimento cultural.

Para entender melhor sobre as ervas utilizadas em determinado terreiro, fiz uma pesquisa no dia 11/08/2021, no *Templo São Miguel*, em Marabá/PA. Conversei com o Pai de Santo¹² Antônio Batista antes de iniciar o trabalho¹³ e ele me informa que as ervas dentro do terreiro são de extrema importância, pois tudo que se faz envolve as plantas, e que tem determinadas ervas que não se acha com frequência, como a flor de laranjeira, por isso usa-se essências¹⁴. Ele continua a entrevista,

¹⁰ Orixás - divindades da religião iorubá, representados pela natureza.

¹¹ Axé - É utilizada principalmente no contexto das religiões afro-brasileiras, ela tem sua origem na língua iorubá, e significa principalmente força de realização e manifestação do poder divino.

¹² Pai de Santo - é o sacerdote das religiões afro-brasileiras, também conhecido como Pai de Terreiro, Babalorixá. Seu equivalente feminino é Ialorixá ou mãe de santo.

¹³ Trabalho na Umbanda - as linhas de trabalho são espíritos desencarnados que se reúnem como grupo para atuar em uma força específica por meio de arquétipos.

¹⁴ Essência - Substâncias aromáticas.

afirmando que também é utilizado essências de animais e citou o exemplo do “Uirapuru¹⁵”, pássaro da Amazônia cuja essência utiliza-se em banhos de atração. Continuando a entrevista ele afirma:

Agora, é muito complexo te falar sobre ervas, porque, a umbanda cultua 7 maiores orixás, na realidade são 14, mas os maiores e mais conhecidos são 7, é a metade né. Então cada orixá tem sua própria erva, não é só uma erva, são várias, por exemplo, Oxalá¹⁶ ele tem dezenas até centenas de ervas, agora assim, cada uma região trabalha com determinado tipo de ervas adaptado para a sua região. Por exemplo, pode ser que aqui em Marabá eu não ache aroeira, mas no Estado vizinho eu já acho aroeira, então cada orixá, cada cidade, cada estado tem as suas peculiaridades quando se fala de ervas, então é algo muito profundo (Batista, 2021).

Figura 3. Altar do Templo São Miguel.



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

¹⁵ Uirapuru - pássaro nativo da América do Sul.

¹⁶ Oxalá - Oxalá é também o nome de um dos orixás mais importantes de cultos afro-brasileiros, como o candomblé. Se trata de uma entidade divina andrógina, que representa as energias da criação da Natureza e personifica o céu.

Figura 4. Pessoa defumando o salão do Templo São Miguel.



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Fotografia 5. Cruz com vela para Zé Pilintra.



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos e problematizações desse artigo, foram surgindo no meu caminhar através do trabalho de campo antropológico, e desta forma, aos poucos fui tendo a percepção de que nessa busca por "um recorte no tema da pesquisa", eu caminhava com as chamadas Ervas Sagradas e as Medicinas da Floresta, juntamente com uma diversidade de grupos e contextos, como por exemplo igrejas do Santo Daime, rituais do Sagrado Feminino e os Terreiros de Umbanda, desta forma, durante a etnografia, não tive um lugar fixo, mas passei por vários territórios, evidenciando a teoria da etnografia multi situada.

Diante dessas questões levantadas acima, pude observar um certo protagonismo das Ervas Sagradas e Medicinas da Floresta, evidenciando a partir desses aspectos a complexa relação entre humanos e outros seres que também habitam o ambiente-mundo, “o que costumamos chamar de ‘ambiente’ reaparece na margem como um imenso emaranhado de linhas” (Ingold, 2012).

O protagonismo vegetal, portanto, transcende a mera utilidade material das plantas. Vai além da sua função como alimento, abrigo ou matéria-prima. É fundamental reconhecer e valorizar o papel protagonista das plantas na existência de determinadas religiões e religiosidades, de acordo com o caráter ritualístico, medicinal ou de cura, para assim garantir a preservação e o respeito por elas.

REFERÊNCIAS

- Assis CLD, Faria DF, Lins LFT. 2014. *Bem-estar subjetivo e qualidade de vida em adeptos de ayahuasca*. *Psicol. Soc.* 26(1):224–34.
- Batista A. 2021. *Entrevista de Áudio com Antônio Batista*.
- Carvalho ICM, Steil CA. 2008. *A sacralização da natureza e a “naturalização” do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade*. *Ambiente Soc.* 11:289–305.
- Azevedo J. 2008. *Tudo o que você precisa saber sobre a Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros. 1st ed. 133:1-145.
- Chiesa GR. 2017. *À procura da vida: pensando com Gregory Bateson e Tim Ingold a respeito de uma percepção sagrada do ambiente*. *Rev. Antropol.* 60(2):410–35.
- Coccia E. 2018. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. França: Cultura e Barbárie. 1st ed.
- Fernandes SC. 2018. *Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta*. *Horizonte Antropológicos.* 24(51):289–314.
- Ingold T. 2010. *Da transmissão de representações à educação da atenção*. *Educação.* 33(1):
- Ingold T. 2012. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. *Horizonte Antropológicos.* 18(37):25–44.
- Lima N. 2021. *Entrevista Com Nelson Lima*.
- Magnani JGC. 2002. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Rev. Bras. Ciênc. Sociais.* 17(49):11–29.
- Marcus GE. 1995. *Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography*. *Annu. Rev. Anthropol.* 24(1):95–117
- Meira C. 2013. *Plantas do axé e sua fundamentação religiosa: um estudo de caso no terreiro de*

Umbanda Caboclo Boiadeiro (fazenda Buraco do Boi Poções/ Bahia). Diss. Mestrado em Ciências Ambientais e Desenvolvimento. 130

Meneses GP. 2018. *Medicinas da floresta: conexões e conflitos cosmo-ontológicos*. Horizonte Antropológicos. 24(51):229–58

Silva K. 2022. Entrevista com Kátia Silva

Siqueira P, Favret-Saada J. 2005. “*Ser afetado*”, de Jeanne Favret-Saada. Caderno de Campo São Paulo - 1991. 13(13):155–61